

DE OLHO NO MUNDO DO

Tabaco

PELA VALORIZAÇÃO DO TRABALHO, DA SAÚDE E DA VIDA



# TABACO NO BRASIL: CONSUMO EM QUEDA, PRODUÇÃO EM ALTA!

ELABORAÇÃO

**deser**

departamento de estudos  
sócios-econômicos rurais

APOIO



# INTRODUÇÃO

A indústria do tabaco e seus aliados estavam enganados ao afirmar que a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco iria prejudicar os agricultores familiares produtores de tabaco do Brasil?

Quem acompanhou ainda em 2005 as discussões que ocorreram no Brasil, acerca da ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco no Brasil, lembra-se que a indústria veementemente afirmava que esse tratado colocaria em risco as famílias produtoras de tabaco do país, especialmente as da região Sul.

Mobilizações organizadas pela indústria do tabaco e seus aliados foram realizadas na época e em várias ocasiões, e todos os discursos continham a mesma mensagem que se mantém até hoje, como as que seguem:

*“Mesmo com toda esta relevância econômica, a produção de tabaco no País está ameaçada pelas constantes medidas restritivas que iniciaram em 2005, a partir da assinatura da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT).”<sup>1</sup>*

*“Durante sua explanação (Iro Schünke), lembrou que as restrições ao consumo de cigarros no Brasil iniciaram no final da década de 80 e se intensificaram a partir da criação da Anvisa, em 1999. Em sua visão, a partir de 2005, quando o Brasil ratificou sua participação na Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, a situação começou a ficar ainda mais crítica. “É inaceitável essa postura (relacionando-se a questão ANVISA e RDC 14/2012), pois somos o segundo maior produtor e o maior exportador mundial.”<sup>2</sup>*

*Estudo da Fundação Getúlio Vargas (2011), encomendado pelo SindiTabaco, declara que com a aprovação das resoluções nº 112 e nº 117, da ANVISA, ocorrerá uma redução na mão-de-obra empregada tanto na produção de tabaco, como de cigarros.<sup>3</sup>*

Mas o que a história tem nos mostrado? Será mesmo que a Convenção-Quadro e as medidas de restrição ao consumo do tabaco estão alterando o contexto socioeconômico da cadeia agroindustrial do

tabaco no país?

Para responder a tal pergunta é necessário compreender algumas questões importantes sobre esta cadeia, que a cada dia torna-se mais polêmica por ser tema de interesses conflituosos. Nesse emaranhado, vê-se vários atores lutando por seus interesses: os agricultores familiares produtores de tabaco, onde alguns apenas querem continuar produzindo seu tabaco para garantir o sustento da família, enquanto outros buscam por alternativas economias à cultura; também tem a indústria do tabaco que não mede esforços para garantir seus lucros; o governo brasileiro, que atua mediando conflitos, e trabalhando para a construção de políticas para o cumprimento das ações previstas na CQCT, visando a proteção e a promoção da saúde pública e a garantia de meios para aquele agricultor(a) que queira produzir tabaco, continue fazendo-o, e para aquele que queira substituir a cultura do tabaco ou diversificar sua fonte de renda, também tenha como fazê-lo. Considerando que em ambos os casos, tanto as famílias que optem por produzir tabaco, quanto as que queiram diversificar ou substituir a cultura do tabaco por outra fonte de renda, possam se desenvolver com qualidade de vida, tendo em vista como qualidade de vida, não apenas os aspectos econômicos, mas também sociais, humanos, ambientais e físicos.

Outros atores não menos importantes, como as organizações e instituições não governamentais, que acompanham toda a cadeia do tabaco e também não medem esforços para garantir a qualidade de vida e a promoção da saúde pública; e talvez o principal ator desta cadeia, a sociedade civil, que se torna um importante “alvo” de disputa de opinião. Com isso é importante se estar atento a este fato para uma construção da opinião pessoal considerando todos os aspectos que envolvem a cadeia, e obviamente conhecer um pouco melhor como ela realmente funciona.

O presente boletim objetiva contribuir para a construção deste conhecimento.



# O CONSUMO BAIXOU

**D**e acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o tabaco é a segunda droga mais consumida entre os jovens, tanto no mundo, como no Brasil. Isso deve-se às facilidades e estímulos para obtenção do produto, entre eles o baixo custo, a curiosidade estimulada pela imitação do comportamento do adulto e a promoção e o marketing de produtos derivados do tabaco. Neste contexto, pesquisas realizadas pelo Instituto revelam que 90% dos fumantes iniciaram seu consumo antes dos 19 anos de idade, faixa em que o indivíduo ainda se encontra na fase de construção de sua personalidade.

A preocupação eminente com relação ao tabagismo, tanto por parte do Inca, como da Organização Mundial da Saúde, do Ministério da Saúde e outras organizações que acompanham essa questão, inclusive associações médicas, dá-se em função dos malefícios à saúde causados pelo consumo do tabaco e comprovados cientificamente.

De acordo com a *Organização Mundial da Saúde* e o *Inca*<sup>4</sup>, o tabaco é o único produto legal que causa a morte da metade de seus usuários regulares. Isto significa que de 1,3 bilhão de fumantes no mundo, 650 milhões vão morrer prematuramente por causa do cigarro, que é composto por folhas de tabaco e mais de 4,5 mil complexos químicos como arsênico, amônia, sulfito de hidrogênio e cianeto hidrogenado, muitos dos quais se transformam em outras combinações prejudiciais à saúde.

Ainda assim o componente mais letal do cigarro é o monóxido de carbono, que é idêntico ao gás que sai do escapamento dos automóveis e toma o lugar do oxigênio, deixando o corpo totalmente intoxicado. Outra substância importante presente no tabaco é o alcatrão que provoca a obstrução dos pulmões e perturbações respiratórias, além da dependência do tabaco e várias doenças associadas ao seu consumo.

No Brasil o Ministério da Saúde é responsável pela pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por

Inquérito Telefônico (Vigitel<sup>5</sup>), que tem objetivo de medir a prevalência de fatores de risco e proteção para doenças não transmissíveis na população brasileira e subsidiar ações de promoção da saúde e de prevenção de doenças. Em 2012 o levantamento monitorou 45,4 mil adultos residentes em domicílios com telefone fixo em todas as capitais do país.

Esta pesquisa revelou que a população brasileira acima de 18 anos que fuma, caiu 20% nos últimos seis anos. E demonstra que enquanto em 2006 15% da população brasileira fumava, em 2012 o índice caiu para 12% (menor índice encontrado até hoje no Brasil). A maior frequência permanece entre os homens: o número passou de 19% (2006) para 15% (2012). Entre as mulheres o índice caiu de 12% (2006) para 9% (2012). Só para se ter uma ideia, de acordo com informações do Instituto Nacional do Câncer, no início dos anos 90, 35% da população brasileira com mais de 15 anos era fumante.

A pesquisa também revela que houve redução do número de fumantes passivos no domicílio, que passou de 12% (2006) para 10% em 2012. E também diminuição de fumantes passivos no local de trabalho, passando de 12% para 10% em 2012. E continua em queda a frequência de homens que fumam 20 ou mais cigarros por dia, de 6% para 5%.

“

*A queda do número de fumantes no país comprova que o Ministério da Saúde, em parceria com a sociedade, está no caminho certo ao investir em ações de prevenção e controle e também na oferta de tratamento para os fumantes. Estamos investindo cada vez mais na formulação de políticas públicas que promovam, continuamente, a melhoria da qualidade de vida da população brasileira.* Ministro da Saúde, Alexandre Padilha<sup>6</sup>.

# O CONSUMO BAIXOU

**P**ara alcançar esses índices inúmeras ações vem sendo realizadas pelo Ministério da Saúde<sup>7</sup> para auxiliar as pessoas que querem parar de fumar, por perceber que o tabagismo é uma doença pediátrica e que ela tem cura. Dentre as ações do Ministério, estão o Programa Nacional de Controle do Tabagismo (PNCT) criado em 1996 no Sistema Único de Saúde (SUS), que oferta o tratamento para tabagistas. Este ano a adesão ao programa para as equipes de Atenção Básica – feita pelo Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ) – contou com 24.515 equipes inscritas, em 4.371 municípios brasileiros. A meta é reduzir de 15% para 9% a proporção de fumantes na população adulta até 2022.

O Ministério da Saúde ainda presta assistência às pessoas que querem parar de fumar, oferecendo desde o acompanhamento do paciente por profissionais de saúde à medicamentos como adesivos, pastilhas, gomas de mascar e o antidepressivo bupropiona.

O Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento de Doenças Crônicas Não Transmissíveis também prevê o fortalecimento do Programa Saúde na Escola, voltado para prevenção e redução do uso do álcool e tabaco entre crianças e adolescentes. Em 2012, 175 mil pessoas foram atendidas em unidades credenciadas ao programa de controle do tabagismo. Desde 2005, 304 mil largaram o vício<sup>8</sup>.

Em 29 de agosto, o Dia Nacional de Combate ao Fumo, médicos e especialistas na área elogiaram as políticas públicas implementadas que nos últimos 20 anos, contribuíram para uma queda de cerca de 50% no número de fumantes no país. De acordo com o Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes do Rio de Janeiro, em entrevista a Agência Brasil, a Lei 12.546, de 2012, que proíbe o fumo em local coletivo fechado, privado ou público, não diminuiu a clientela. A percepção desses estabelecimentos, segundo o Sindicato, é que a adesão e o entendimento da sociedade sobre o assunto é cada vez maior e que os clientes fumantes já

“

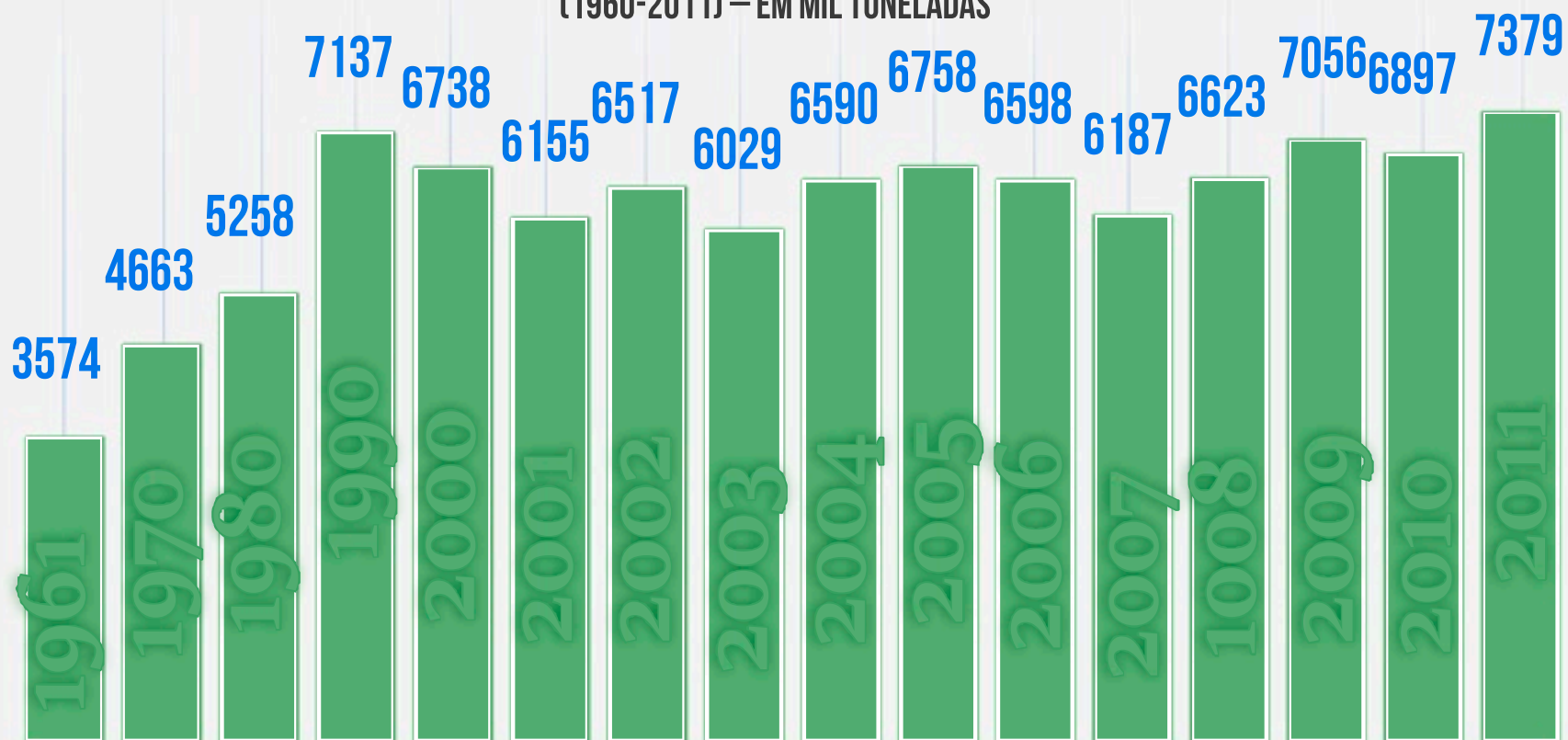
*Já temos dados bem seguros da literatura científica provando que a qualquer momento em que o indivíduo abandone o tabagismo terá benefícios, como melhora de qualidade de vida, de performance respiratória e anos depois, o risco de câncer de pulmão começa a reduzir mais, assim como o risco das doenças cardiovasculares”,* enumerou o médico.

Diretor da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), Daniel Kitner à Agência Brasil<sup>9</sup>.

# A PRODUÇÃO SUBIU

Após anos de produção estável, 2011 quebra recorde mundial na produção de tabaco, com 7.379.110 toneladas. Foi produzido por 129 países, em 4,2 milhões de hectares, tendo a maior parte da produção mundial concentrada na China (42,8%).

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE TABACO  
(1960-2011) – EM MIL TONELADAS

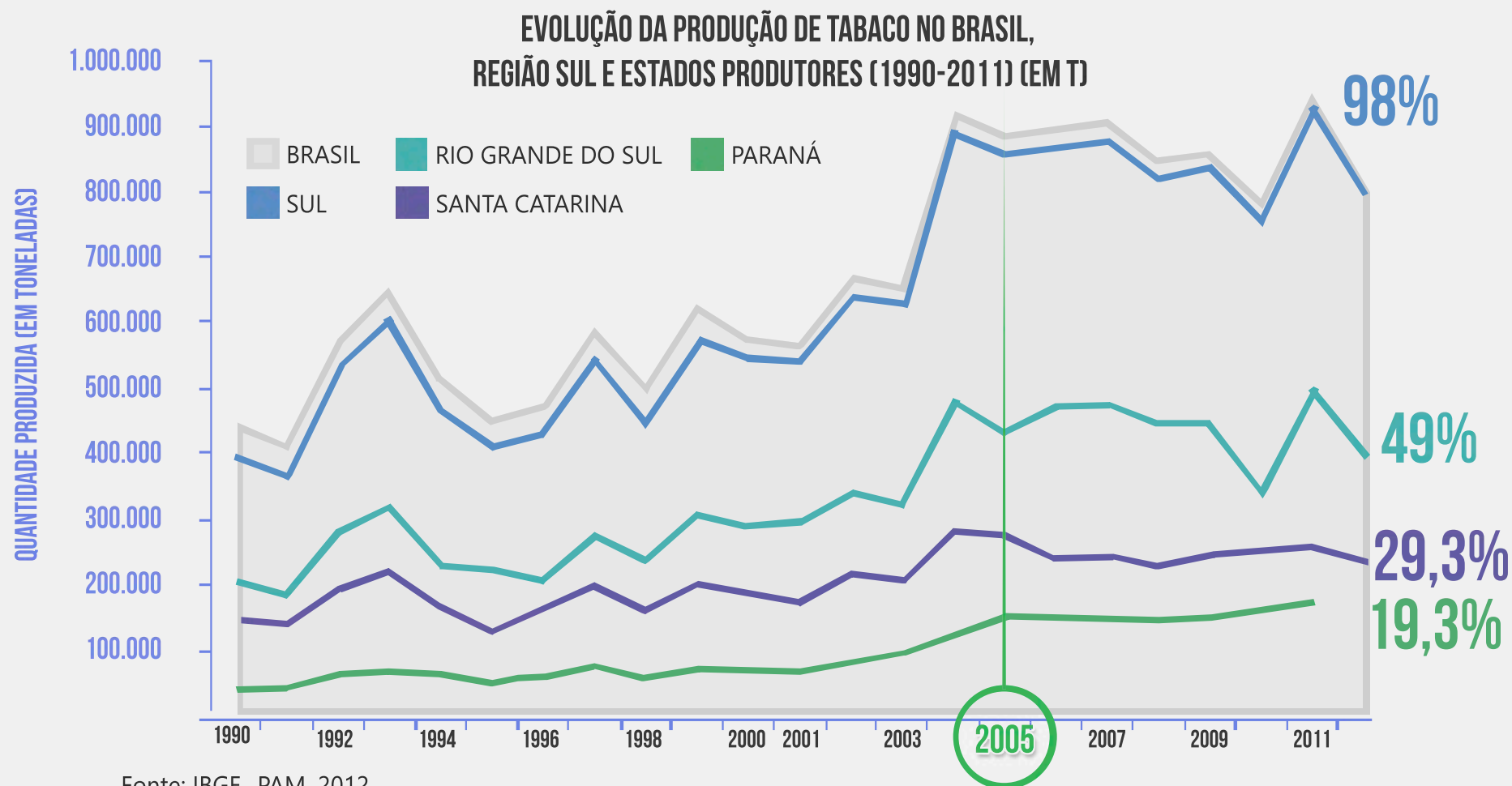


Fonte: FAO, 2011

# A PRODUÇÃO SUBIU

○ Brasil é o segundo maior produtor de tabaco do mundo, tendo concentrado em 2011, 12,9% da produção mundial, inclusive com quebra de recorde na produção que alcançou 951.933 toneladas. O recorde anterior havia sido alcançado em 2004, quando o país produziu 921.281 toneladas.

Em 2012, de acordo com informações da Produção Agrícola Municipal, a produção total foi de 810.550 toneladas. Neste mesmo ano, somente no sul do país (que concentrou 98% da produção brasileira), o fumo foi cultivado em 798 municípios distintos, sendo que em 334 municípios a produção foi superior a 200 toneladas.



# A PRODUÇÃO SUBIU

Observando as informações da produção brasileira ao longo dos anos, é possível perceber, que mesmo com a ratificação pelo Brasil da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco em 2005, a produção brasileira cresceu, inclusive quebrando recorde em 2011. Considerando a média de produção dos sete anos anteriores a ratificação da CQCT pelo Brasil, entre 1998 e 2004, a produção média anual foi de 647.271 toneladas, enquanto nos sete anos subsequentes à 2005, entre 2006 e 2012, a produção média foi de 867.614. Valores que permitem inferir que houve um incremento de produção de tabaco, numa variação média de 34% nos últimos 15 anos.

Nas exportações brasileiras o país é o maior exportador de folhas de tabaco no mundo, sendo que em 2012, o tabaco foi o 3º produto agrícola da pauta das exportações primárias brasileiras e representou a continuidade do processo de recuperação nas exportações brasileiras de fumo, uma vez que depois de ter atingido 710 mil toneladas, em 2007, a queda foi constante até 2010, quando o Brasil exportou 505 mil toneladas.

Em 2012 foram exportadas 637,8 mil toneladas de tabaco, um valor total de US\$ 3,256 bilhões, o que significou um preço médio de US\$ 5,11 por quilo. Esse aquecimento nas exportações foi influenciado pela variação do dólar no segundo semestre do ano e também pela baixa no estoque mundial de tabaco.

Certamente, os impactos das medidas de controle do tabagismo que avançam em importantes países importadores de tabaco brasileiro, como a Rússia e a própria China, podem ser determinantes para o futuro das exportações do Brasil e, conseqüentemente, da produção. Mas de forma alguma, os acontecimentos internos, com a redução do consumo de tabaco no país irão impactar na cadeia produtiva do Brasil.

Conforme dados fornecidos pela Receita Federal/Secex, em 2012 foram exportados 88% de todo o tabaco produzido no Brasil. Destes, 99,8% é exportado sem manufatura, ou seja, ainda in natura, em folha. A parcela

de tabaco que fica para o consumo interno correspondeu a 12% do tabaco produzido no país. Informações que permitem perceber que mesmo que haja uma diminuição no consumo do tabaco no país, a grande parte do tabaco produzido continuará tendo mercado garantido. Nesse aspecto, interessaria muito mais ao agricultor familiar produtor de tabaco acompanhar as ações antitabagistas que estão sendo realizadas nos principais países importadores do tabaco brasileiro, como a Rússia, a Bélgica, os Estados Unidos, a Holanda, a China, entre outros, que ocasionarão um maior impacto comercial do que o próprio consumo interno.



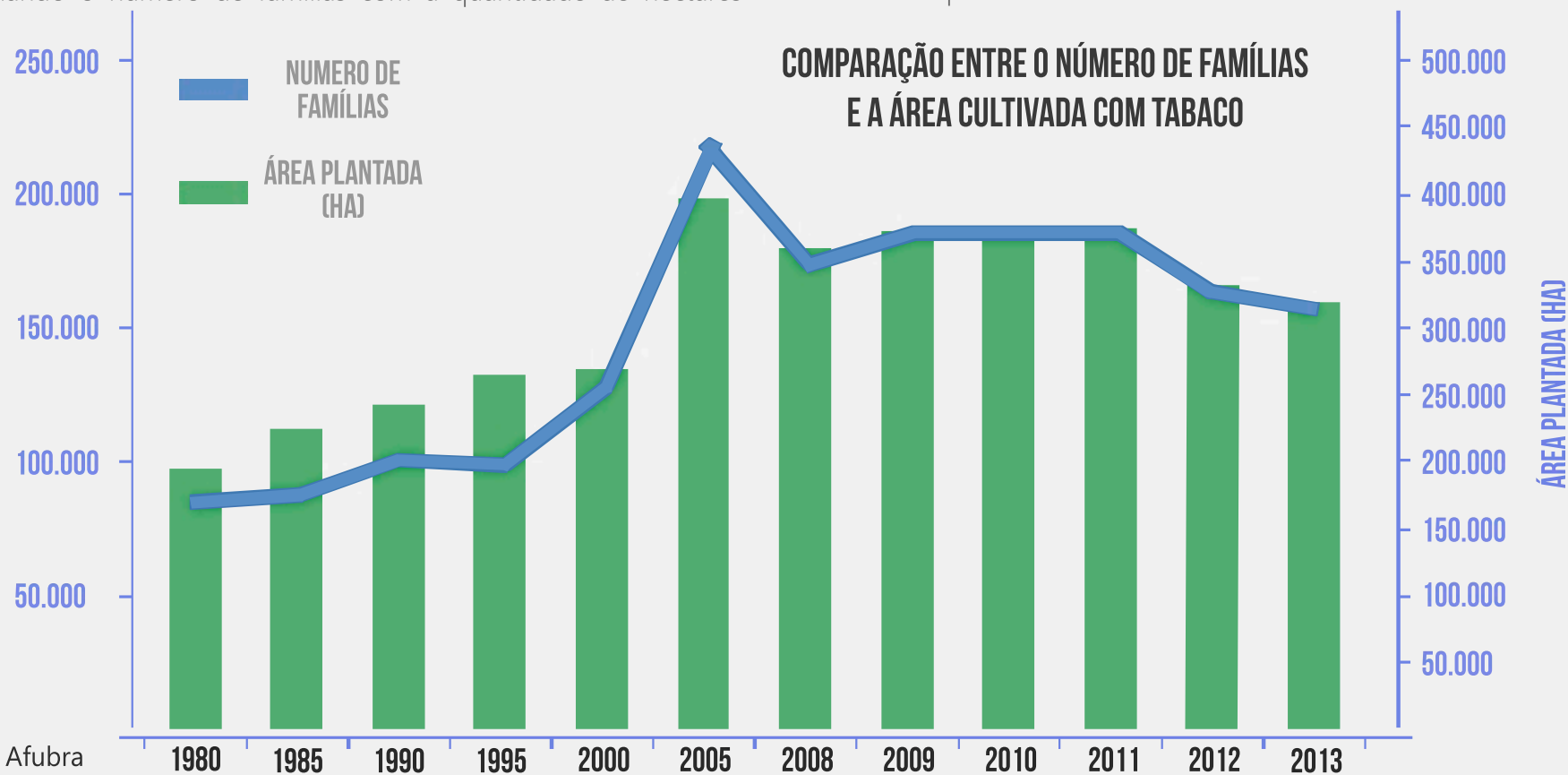
# O NÚMERO DE FAMÍLIAS PRODUTORAS REDUZIU

Neste contexto, até que ponto a Convenção-Quadro e as ações antitabagistas estão realmente prejudicando a produção e a vida dos agricultores (as) produtores (as) de tabaco do Brasil?

Analisando alguns números referentes a cadeia produtiva do tabaco, percebe-se que há uma concentração da produção ao longo dos anos, uma vez que há diminuição no número de municípios produtores, bem como no número de famílias envolvidas, ao passo que a produção e a produtividade aumentaram.

Relacionando o número de famílias com a quantidade de hectares

cultivados, percebe-se que enquanto em 1980, uma família produzia 1,8 hectares de tabaco em média, nas safras de 2012 e/ou 2013 uma família produziu em média 1,97 hectares. Valores que representam uma variação de 9% na área cultivada média por família. Porém, considerando esses dados com a produtividade de ambas as épocas, percebe-se também em média, que em 1980 uma família produzia 3.009,6 kg de tabaco, enquanto que em 2013, a produção média por família é de 4.475,8 kg de tabaco. Informações que configuram um aumento de 49% na produção por família neste período.



Fonte: Afubra



# O NÚMERO DE FAMÍLIAS PRODUTORAS REDUZIU

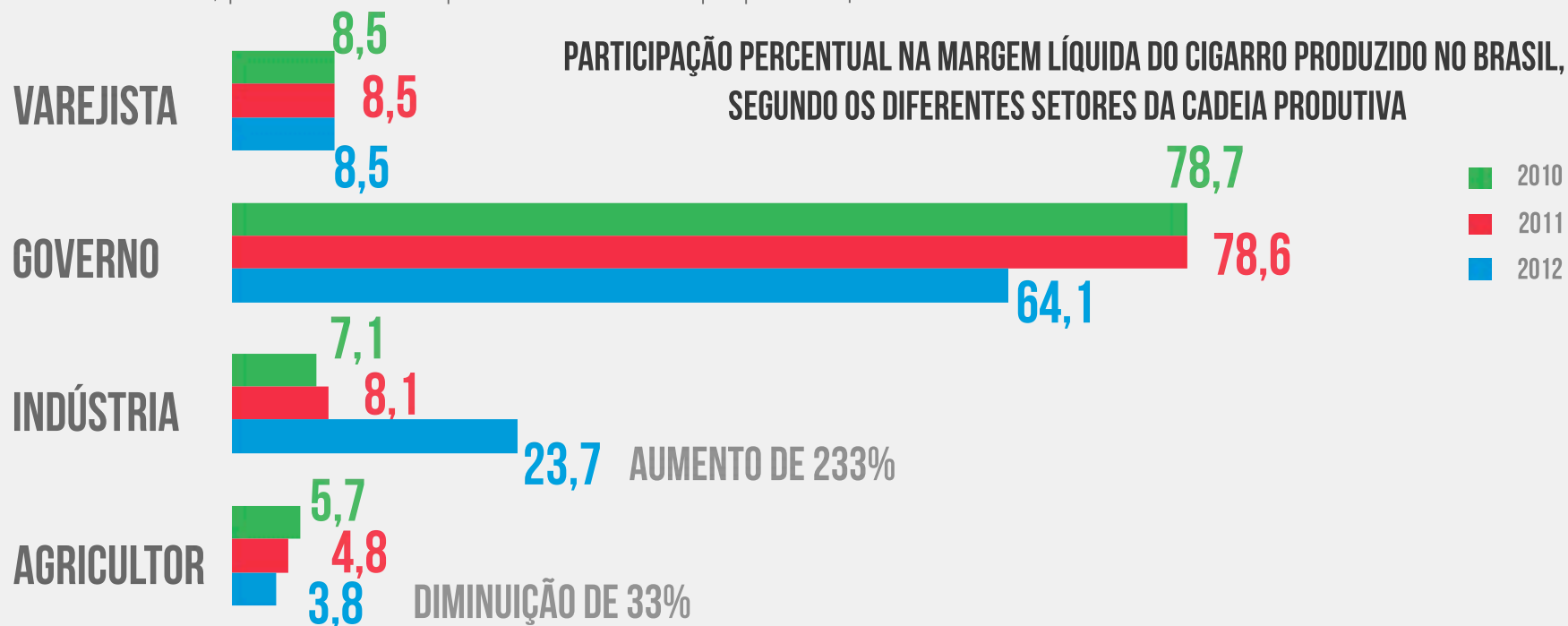
Segundo o IBGE, entre 1990 e 2011 a produtividade aumentou 29% no Brasil, e 19% na Região Sul. Já de acordo com informações da Afubra, em todo o Brasil a produtividade teve uma variação de 31% entre 1995 e a safra de 2012/13, saindo de uma produção de 1.733 kg/ha para uma produção de 2.272 kg/ha.

Percebe-se que a indústria tem buscado concentrar a produção, diminuindo o número de famílias integradas, ao mesmo tempo em que algumas aumentam suas áreas cultivadas com tabaco e outras automaticamente são excluídas do sistema.

Borges (2011), analisando a cadeia agroindustrial do tabaco no estado do Rio Grande do Sul e os impactos do novo contexto internacional causado pela CQCT, sobre a economia do fumo no Estado, utilizando-se de modelos de regressão múltipla, concluiu que os modelos gerados pelas variáveis – crédito, produtores e área plantada – mostram que para

que se tenha um bom desempenho das políticas de diversificação de culturas é necessário diminuir essas variáveis em pelo menos 30%. O estudo também completa que as políticas de diversificação podem sim gerar resultados positivos e cumprir com o objetivo do artigo 17, previsto na CQCT, se forem ampliados e abrangerem cada vez mais fumicultores<sup>10</sup>.

Outra informação importante de ser mencionada e que pode estar influenciando na decisão de muitas famílias por parar de cultivar tabaco, dá-se em função da margem de lucro que sobra para o agricultor ao final da safra. Observando as informações a esse respeito, percebe-se que nos últimos anos, conforme informações da Receita Federal / Afubra, está havendo uma diminuição na margem bruta e líquida dos agricultores (as) produtores (as) de tabaco em 33%, do Governo em 23%, mesmo com o aumento dos impostos, ao passo que há um aumento da margem líquida para a indústria de 233%.



# ALGUMAS CONCLUSÕES

O consumo de tabaco no Brasil baixou 20% nos últimos 6 anos; A produção de tabaco no país quebrou recorde em 2011, e foi responsável por 12,9% da produção mundial, com 951.933 toneladas. E em 2012 a produção total foi de 810.550 toneladas;

Considerando a média de produção dos sete anos anteriores a ratificação da CQCT pelo Brasil, que ocorreu em 2005, entre 1998 e 2004, a produção média anual foi de 647.271 toneladas, enquanto nos sete anos subsequentes à 2005, entre 2006 e 2012, a produção média foi de 867.614. Ou seja, houve um incremento de produção de tabaco, numa variação média de 34% nos últimos 15 anos;

Há uma concentração do cultivo ao longo dos anos, uma vez que há diminuição no número de municípios produtores, bem como no número de famílias envolvidas, ao passo que a produção e a produtividade aumentaram;

Entre o ano de 1980 até 2013, houve um aumento de 9% na área cultivada com tabaco, um aumento de 31% na produtividade por área, e em função disto, a produção por família dobrou nestes 33 anos;

A indústria tem procurado concentrar a produção, diminuindo o número de famílias integradas, ao mesmo tempo em que se aumenta as áreas cultivadas com tabaco, ao passo que outras automaticamente são excluídas do sistema.

Nos últimos anos está havendo uma diminuição na margem líquida dos agricultores (as) produtores (as) de tabaco em 33%, uma diminuição na margem líquida do Governo em 23%, mesmo com o aumento dos impostos, sendo que há um aumento da margem líquida para a indústria de 233%.

Pois bem, não são raras as vezes que indústria do tabaco e seus aliados utilizaram-se das ações de controle do tabagismo realizadas no país, e de todas as demais ações que envolvem a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, como a própria ratificação, ou as polêmicas medidas

da Anvisa, ou ainda o aumento dos impostos sobre os cigarros, e tantas outras ações, como desculpa para explicar a redução no número de famílias produtoras. Mas as informações aqui apresentadas permitem questionar tais afirmações.

Não há influencia alguma entre a redução do tabagismo no Brasil e o número de famílias que produzem tabaco. Da mesma forma que a resolução da Anvisa ainda nem está em prática, e o número de famílias produtoras diminuiu. Com as informações aqui apresentadas não parece mais plausível que fatores como a diminuição da margem líquida obtida com o cultivo do tabaco ao longo dos anos, ou a estratégia de concentração da produção, encampada pela própria indústria, tenham mais reflexos na exclusão das famílias, nos sistema de produção do tabaco, do que as ações em torno da CQCT?

Vários estudos e opiniões de profissionais que acompanham o dilema da cadeia do tabaco e os efeitos do tabagismo demonstram a importância das ações governamentais para o cumprimento das premissas da CQCT, em prol da defesa da saúde pública. Essas ações de forma alguma devem parar, pelo simples fato de que se pararem, os únicos beneficiados serão as indústrias do tabaco, que cada vez mais conquista maiores lucros, e têm na obtenção do lucro seu principal objetivo em detrimento ao desenvolvimento da qualidade de vida do produtor rural e a melhoria da saúde pública.



# REFERÊNCIA

**<sup>1</sup>Disponível em:**

<http://sinditabaco.com.br/category/releases/page/12/>

**<sup>2</sup>Disponível em:**

<http://www.abead.com.br/midia/exibMidia/?midia=7221>

**<sup>3</sup>Disponível em:**

[http://sinditabaco.com.br/helpers/php/get\\_file.php?what=48](http://sinditabaco.com.br/helpers/php/get_file.php?what=48)

**<sup>4</sup>Disponível em:** <http://www.actbr.org.br/tabagismo/numeros>

**<sup>5</sup>Disponível em:**

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=forums&srcid=MDE5OTU2NzkzNTc5OTY3NDc5NzUBMDY0NDIxNjU2MjU0OTY0MjkxNTgBTVM1S3piaWplQmNKATIBAXYy>

**<sup>6</sup>Disponível em:**

<http://www1.inca.gov.br/tabagismo/frameset.asp?item=atualidades&link=lista.asp>

**<sup>7</sup>Disponível em:**

<http://estadao.br.msn.com/ultimas-noticias/no-dia-mundial-da-saude-governo-federal-anuncia-verba-para-reduzir-de-15percent-para-9percent-o-numero-de-fumantes-no-pa%C3%ADs>

**<sup>8</sup>Disponível em:**

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-08-29/especialistas-elogiam-politicas-publicas-de-combate-ao-fumo>

**<sup>9</sup>Disponível em:**

Borges, R. L.A. O Tabaco no Rio Grande do Sul: análise da cadeia agroindustrial e dos possíveis impactos das políticas derivadas da Convenção-Quadro para o controle do Tabaco para a economia fumageira. Porto Alegre, 2011.

**<sup>10</sup>Disponível em:**

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/34816/000781350.pdf?sequence=1>

